Era um homem "abominavelmente depravado", nas palavras de Sarah Bernhardt. Como jornalista provocou bastantes ódios, sobretudo entre a classe intelectual, e não escapou ao "código de honra" da época: duelos a tiros de pistola nas clareiras dos bosques dos arrabaldes de Paris. Maupassant e Verlaine quiseram defrontar-se com ele para limparem a honra com umas quantas balas – foram convencidos a tempo de que o que Lorrain escrevera não lhes manchava a reputação –, mas foi com "o jovem e encantador Marcel Proust" que chegou a vias de facto no bosque de Meudon, embora "os dois atiradores só tivessem alvejado o vazio acima das suas cabeças" conforme cita o tradutor Aníbal Fernandes na sua (como sempre) sábia e lúcida introdução à obra recentemente publicada.

O Senhor de Bougrelon (que chegou aos escaparates franceses em 1897) é um dos seus livros mais conhecidos. A história narrada nesse romance curto é contada – recorrendo aos extensos e quase barrocos solilóquios de uma figura sombria e grotesca – por uma personagem masculina acabada de chegar a Amesterdão num grupo de franceses. Estamos num qualquer ano de finais do século XIX, e o pequeno grupo de turistas é guiado pelas ruas e pelos canais da cidade holandesa por

A *persona* de dândi decadente de Jean Lorrain mexeu com a Paris da Belle Époque: chegou a vias de facto com Proust...

um homem estranho e misterioso, o Senhor de Bougrelon – que se diz ser um expatriado que deixou França há várias décadas para acompanhar, num exílio forçado, um amigo fidalgo que quase perdera a vida numa "confusão de saias".

Perdidos entre divagações sobre aquela cidade de "avenidas de água que nunca mais acabam, canais guardados por habitações que parecem enormes jogos de dominó", somos levados a conhecer estranhas personagens e a visitar monumentos, museus, lupanares, cafés, em que a realidade se vai distorcendo e misturando com o efabulado. Tudo isto ao mesmo tempo que aquela figura sombria – uma espécie de dândi da perversidade – se vai desvelando e surgindo sob a grotesca forma de uma relíquia de tempos passados que se recusa a aceitar a passagem dos anos.

O amigo, o fidalgo Senhor de Mortimer, está sempre presente como um fantasma que justifica a existência desse passado decadente e perverso. Como se o Senhor de Bougrelon só existisse, afinal, em função do outro: "A nossa amizade foi uma eucaristia: comungávamos nas mesmas admirações e amávamo-nos nos mesmos ódios. Era no altar dos mestres que nos viam ajoelhados, embora ficássemos de pé no oratório das belas; vergados perante a Arte, erguidos perante a Beleza. Ah! Os sorrisos de Da Vinci, senhores, que poema de perversa e nobre ferocidade! Beijos de ventosa onde as nossas almas se precipitavam. A *Mona Lisa* aspirava-me por inteiro. E as mulheres do Boticelli, então, com a graça da sua nudez fugidia e delicada, o picante da sua magreza, sobretudo a *Primavera*! Senhores, durante dois anos este que aqui vêem esteve apaixonado por essa ninfa com rosto de vampiro! A ambiguidade do seu sexo mantinha-nos, ao Senhor de Mortimer e a mim, angustiados, febris, exasperados" (p. 40).

A imaginação delirante do Senhor de Bougrelon, com as sucessivas entradas e os inesperados abandonos da narração, e os retratos vívidos de autênticas visões de lupanar ou de café licencioso, erguem uma "realidade" em que o leitor vai aos poucos deixando de acreditar, mas com que continua a comover-se.

Ensaio

Aliança e separação

Um volume que confirma a ideia de um poeta tomado por outras formas de aventura intelectual e crítica – e que permite reler a Ibéria pessoana como alegoria do "drama em gente". *Gustavo Rubim*

Ibéria – Introdução a um Imperialismo Futuro
Fernando Pessoa
Ática/Babel

★★★★★

De há anos a esta parte, a maioria do discurso que interpreta Pessoa

está vinculada ao trabalho de lhe editar a obra. A nova série das *Obras de Fernando Pessoa*, organizada para a Ática por Jerónimo Pizarro, em equipa com outros investigadores, propõe que a partir dessa mutação se generalize noutros termos o conhecimento público do laboratório pessoano. Este volume, com o título de um dos projectos inconclusos que proliferam no espólio (*Ibéria – Introdução a um Imperialismo Futuro*), permite captar todas as virtudes do modelo.

O livro contém cerca de 110 páginas de escritos pessoanos, mais as notas críticas que assinalam variações, emendas, dificuldades ou impossibilidades de decifração, acrescentos e supressões de Pessoa. Há também um conjunto de anexos que, entre outras coisas, inclui documentação sobre temas ibéricos na biblioteca do poeta. Uma introdução dos editores (o próprio Pizarro e Pablo Javier Pérez López) e dois posfácios, além de uma boa bibliografia, completam a obra.

A introdução mostra a combinação de filologia e interpretação que está na base da série, já visível na edição

23 ANOS
98 RÁDIO NOVA 9
Patrocinadores:
optimus
worten
Dia 24 de Novembro | Hard Club
SEETHER

Pessoa projecta a Ibéria como uma potência capaz de tutelar pelo menos toda a metade ocidental do planeta

anterior, intitulada *Sebastianismo e Quinto Império* (2011) e organizada por Pedro Sepúlveda e Jorge Uribe. Os editores adoptam critérios de uma edição crítica, incluindo a transcrição directa dos textos na ortografia original, mas claramente com a convicção de que é possível fazê-lo sem afastar os leitores comuns, oferecendo em simultâneo legibilidade e erudição. Qualquer de nós, que nunca tenha ido à Biblioteca Nacional mexer na famosa "arca", fica assim, sem entrar em querelas metodológicas, com uma boa ideia do que lá se encontra e em que estado. Ou seja, com uma boa ideia de que ler Pessoa não é nunca ler uma "obra" em forma acabada e de que não há nisso problema de maior.

O modo como Jerónimo Pizarro e Pablo López formulam esta ideia para defender o volume dedicado ao iberismo cultural é que pode não ser tão pacífico. Segundo declaram, o que Pessoa escreveu sobre o assunto e sobre tópicos político-culturais correlatos "não tem recebido uma grande atenção crítica" e isso explicaria que a imagem prevalecente continue sendo a "de um poeta que foi quatro poetas" e cuja existência se limitaria a essa despersonalização alheada de tudo o resto. A tese propriamente polémica é a de que Pessoa "foi muito mais do que um poeta", que corre graves riscos de equívoco quando afinal um livro destes mostra, querendo ou não querendo, que Pessoa só foi capaz de mobilizar o máximo das suas energias criativas e construtivas quando esteve em causa a invenção de obras poéticas. O que se pode argumentar é que Pessoa foi um poeta no sentido mais amplo que a palavra tem para os modernos, ou seja, um poeta tomado pela paixão de todas as formas de aventura intelectual e crítica que cruzam o espaço literário e, por isso, escrevendo muita prosa, parte dela de tipo ensaístico.

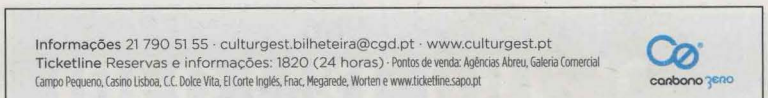
Além disso, não só se pode mas deve-se (e este volume importa muito nesse dever) insistir num ponto que os mais jovens comentadores de Pessoa têm posto em relevo: a importância dos dispositivos do discurso político para a escrita pessoana em geral. Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda já o tinham deixado claro na sua imprescindível introdução a *Sebastianismo e Quinto Império*, mostrando aí como a questão da nacionalidade percorre de lés a lés a vida literária de Pessoa. Os textos editados em *Ibéria* confirmam o acerto dessa leitura, sobretudo nas tentativas de Pessoa para argumentar que a Ibéria assenta em três nações "naturais" (galaico-portuguesa, catalã e castelhana) e que o seu futuro como império desejável (cultural, e não comercial) deve passar pela aliança dessas três nações numa confederação que não lhes destrua a autonomia.

Ideias destas também confirmam a longa distância a leitura que Eduardo Lourenço fez da ligação de Pessoa à tradição temática da interpretação de Portugal como obsessão central da literatura portuguesa pós-romântica. Quer dizer, como uma ligação de novo tipo, estruturalmente cosmopolita, ou melhor: cosmopolítica. É inegável que a ideia do "imperialismo futuro" em que Pessoa pensa implica um projecto de influência civilizacional imaginado, se não à escala da humanidade, pelo menos à da parte ocidental do planeta antes sujeita à influência da França, da Inglaterra ou da Alemanha. É na competição com esses impérios que a Ibéria pessoana se define, afinal na mesma linha em que, nas páginas da revista *Águia*, Pessoa anunciou uma "nova poesia portuguesa" suficientemente original para rivalizar com o poder das literaturas francesa e inglesa.

É provável, porém, que não esteja na reacção convicta à tese da decadência dos "povos peninsulares" o sumo mais nutritivo destas ficções imperiais. Humberto Brito, autor do primeiro posfácio, sugere outra via. Baseando numa carta de 1915 a ideia de que "o plano de Pessoa era não só o de criar unilateralmente toda uma literatura, mas o de criar uma literatura expansionista" (p. 208), propõe uma leitura minuciosa dos projectos de confederação ibérica enquanto "aproximação alegórica do principio de organização do drama em gente", de tal maneira que "se os heterónimos designassem países, teríamos uma confederação de almas" (p. 222). Esta recondução da política à poética pessoana justifica toda a valia do livro e quem não concorde com ela terá de pensar pelo menos nesta frase em que Pessoa, em 1918, parece justificá-la: "Para mim, poeta decadente, para quem a politica é apenas o menos esthetico dos divertimentos inuteis, tudo isto tem a importancia" – e deixou em branco o resto da frase.

Leia excertos dos livros na edição do ípsilon para tablets

Informações 21 790 51 55 · culturgest.bilheteira@cgd.pt · www.culturgest.pt
Ticketline Reservas e informações: 1820 (24 horas) · Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt



História e Teoria da Crítica

por Augusto M. Seabra

CONFERÊNCIA TER 20 DE NOVEMBRO · 18H30 · ENTRADA GRATUITA

6 novembro Critérios estéticos, subjetividade e juízos de gosto;
13 novembro A invenção da modernidade e as mutações dos conceitos de arte;
20 novembro Crítica, arte(s) e artistas; **27 novembro** A crítica ainda existe?

At most mere minimum

Quando muito o mínimo de Carla Maciel, Gonçalo Waddington, Sofia Dias e Vítor Roriz

TEATRO DE QUI 29 NOVEMBRO A DOM 2 DE DEZEMBRO · 21H30 (DOM 17H) · 12€ · M12

Uma aproximação que fragmenta um momento em ínfimas partículas, revelando brechas que permitem manipular e redimensionar a realidade; um espaço de encontro e experimentação.

De Flamencas

DANÇA / MÚSICA QUI 6, SEX 7 DE DEZEMBRO · 21H30 · 20€ · M12

Baile formidável e com enorme amplitude de registos e recursos (...). Francisco Sánchez Múgia, *Diario de Jerez*
A dimensão do talento de Flores, os seus conhecimentos e o seu bom gosto, fizeram com que a estreia absoluta de De Flamencas *fosse o êxito retumbante que todos esperávamos. (...) Flores tem a sabedoria suficiente para encontrar o difícil equilíbrio entre o flamenco tradicional ou clássico e um ponto de vista contemporâneo.* Estela Zatania, deflamenco.com

William Parker

JAZZ CICLO 'ISTO É JAZZ?' · SEX 7 DE DEZEMBRO · 21H30 · 5€ · M3

A música do baixista William Parker revela a presença constante de duas coisas: energia e cor. (...) Quando toca, transmite uma vibração espiritual que se traduz facilmente em campos de cor. Mark Corroto, allaboutjazz.com, 31.03.2010
William Parker é, sem qualquer dúvida, o mais notável baixista da era pós-Mingus. Eyal Hareuveni, allaboutjazz.com, 07.03.2005

Rosemarie Trockel

Flagrante Deleite

EXPOSIÇÃO ATÉ 6 DE JANEIRO DE 2013 · 2€

De Flamencas © JC Nievas

JOVENS ATÉ 30 ANOS 5 EUROS

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest